

METAPLASMOS NO FALAR URBANO MONTE-BELENSE: UM ESTUDO SOBRE APÓCOPE E VOCALIZAÇÃO

Cleide Queiroz de Paula Moura (PBIC/UEG/São Luís de Montes Belos)
Jannáina Soares Silva Reis Ferreira (PVIC/UEG/São Luís de Montes Belos)

RESUMO: Este artigo trata de uma pesquisa sobre os metaplasmos “apócope” e “vocalização”. Fundamentados na Sociolinguística Variacionista Laboviana, analisamos o *corpus* constituído de entrevistas com 30 pessoas nascidas e residentes em São Luís de Montes Belos/GO. Na seleção dessas informantes, consideramos duas variáveis extralingüísticas: nível de escolaridade e faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: metaplasmos; falar monte-belense; variação lingüística

Introdução

Até há relativamente pouco tempo a variação não era sistematicamente estudada, mas essa variação na fala de uma comunidade vem a ser fundamental no mecanismo de mudança lingüística. (CALLOU & LEITE, 2003, p. 97).

Optamos por iniciar este artigo com uma citação em que as autoras discutem sobre os estudos a respeito da variação lingüística. Assim, a reflexão que propomos, neste espaço, faz-se relevante, à medida que é necessária a descrição das manifestações lingüísticas de uma comunidade. Conforme Tarallo (2003, p. 19), a “língua falada está totalmente inserida e interligada a sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste”.

Desse modo, vale ressaltar que nosso trabalho tem como sustentação teórico-metodológica a Sociolinguística, cujo princípio básico é levar em conta a relação entre linguagem e sociedade. O estudo das regras variáveis é a principal tarefa dessa área do conhecimento, visto que permite “que a gente conheça o estado atual, real da língua, como ela é de fato usada pelos falantes, por meio da **freqüência** de uso da variante X e da variante Y”. (BAGNO, 2007, p. 51).

William Labov, um dos precursores dessa teoria, sistematizou o conceito de “variação lingüística”. De acordo com Luchesi:

A ‘variação lingüística’ é a possibilidade estrutural existente em todas as línguas de dizer a mesma coisa de formas diferentes. Se eu falo ‘as meninas já chegaram’ ou se falo ‘as menina já chegou’, o meu interlocutor vai entender a mesma coisa. Essas frases são, portanto, variantes e, como têm o

mesmo significado, são equivalentes em termos lingüísticos. (LUCESI, 2006, p. 45).

Nesta perspectiva, trazemos Bagno (2007, p.164) que afirma: “toda língua muda com o tempo. [...] enquanto tiver gente falando uma língua ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente”. Ainda sobre a concepção de língua para a sociolingüística, o autor enfatiza que.:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente como um produto *homogêneo*, (...), a língua, na concepção dos sociolingüistas, é intrinsecamente **heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução**. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um *processo*, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p 36) (grifos do autor).

Podemos afirmar, de acordo com diferentes teóricos, que a língua está em constante estado de transformação e que o grau de escolaridade e a faixa etária são fatores determinantes na fala do indivíduo.

[...] a mudança lingüística sempre foi encarada como um problema, como uma coisa negativa, como um sinal de ruína, decadência e corrupção da língua (e da moral de seus falantes). No entanto, ela é inevitável: tudo no universo, na natureza e na sociedade passa incessantemente por processos de mudança, de obsolescência, de reinvenção, de evolução...Por que só a língua teria de ficar parada no tempo e no espaço? Todas as demais instituições humanas sofrem mudança, por que a língua não sofreria? (BAGNO, 2007, p.165-166).

Nesse estudo, temos por objetivo investigar a manifestação dos metaplasmos “apócope” e “vocalização”, no falar urbano monte-belense, buscando conhecer a relação entre condicionantes extralingüísticos, como faixa etária e nível de escolaridade, e a produção desses fenômenos fonéticos. Além disso, verificamos se tais fenômenos estão sendo implementados no sistema lingüístico da comunidade descrita, ao observar se há uma ocorrência maior desses metaplasmos na produção lingüística dos informantes com as menores faixas etárias.

Em relação a esse ponto, Callou & Leite (2003, p. 99) afirmam que, para estudarmos aspectos sincrônicos e diacrônicos simultaneamente, precisamos dividir a dimensão temporal, fazendo-se uma distinção entre “tempo real” e “tempo aparente”.

Tempo real, segundo as autoras, refere-se a condições lingüísticas “através do tempo”, isto é, considera-se o aspecto diacrônico. Todavia, tempo aparente “refere-se ao

padrão de distribuição do comportamento lingüístico através de grupos etários num determinado momento do tempo” (CALLOU & LEITE, 2003, p. 99). Em outras palavras, faremos um estudo considerando o aspecto sincrônico, e conseqüentemente a afirmação das referidas autoras (op. cit, p. 99) de que “quanto mais jovem o locutor, maior probabilidade de ocorrerem as variantes mais inovadoras”.

Em relação às variantes lingüísticas, Tarallo (2003, p. 8) afirma que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” Nesse ponto, vale lembrar que o sociolingüista tem como principal interesse “compreender de que modo a variação é regulada.” (BELINE, 2002, p. 121).

Ainda de acordo com Beline (2002, p. 129), “as pessoas têm a tendência de se identificar com os ‘falares’ existentes e isso também está relacionado a fatores sociais, como escolaridade e nível econômico”.

Como pretendemos estudar a manifestação dos metaplasmos “apócope” e “vocalização”, necessário se faz dizer que metaplasmos são *modificações fonéticas* que sofrem as palavras na sua evolução (COUTINHO, 2000, 142). Essas modificações fonéticas dividem-se em: metaplasmos por permuta; por acréscimo, por subtração e por transposição.

Na nossa pesquisa, tratamos de metaplasmos por subtração, a *apócope*, e, por permuta, a *vocalização*. Em relação à *apócope*, podemos dizer que ocorre quando há queda de fonema no fim do vocábulo. (...) A *vocalização* é a conversão de uma consoante em um fonema vocálico (COUTINHO, 2000, p. 143-8).

Para ilustrar o que sejam “apócope” e “vocalização”, que observamos nas manifestações lingüísticas dos falantes monte-belenses, trazemos Bortoni-Ricardo quando argumenta sobre a produção da palavra “MUIÉ”: nesta variante de *mulher*, temos a aplicação de duas regras: a vocalização da consoante lateral palatal /lh/ e a perda do /r/ final. (apócope). (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 58.) (grifos nossos).

Como sabemos não existe nenhum aspecto inerente nas variantes não-padrão que as torne inferiores, visto que “atitudes contra dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social da comunidade” (CALLOU & LEITE, 2003, p. 96).

Material e Métodos

Considerando que fundamentamos nosso estudo na teoria Sociolinguística, trazemos Beline que contribui na discussão sobre procedimentos em uma pesquisa linguística:

[...] podemos estudar a língua de uma comunidade inteira partindo da fala de alguns de seus membros, pois os pesos relativos que vão definir os usos de formas variantes pelos falantes são os mesmos pesos relativos que definem a comunidade inteira, ainda que possa haver diferenças nas quantidades de dados de cada falante, dentro do quadro geral de variação (BELINE, 2002, p. 135).

Ainda em relação aos procedimentos metodológicos, citamos Tarallo:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. (TARALLO, 2005, p. 21).

Desse modo, para a seleção de nossos trinta informantes, levamos em conta duas variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade e faixa etária, conforme observamos, no quadro, a seguir:

	Até 2ª série	Ens. básico compl.	Ens. médio compl.	Ens. superior compl.
10 a 20 anos	---	03	03	--
21 a 45 anos	---	03	03	06
Mais de 45 anos	03	03	03	03

Em relação ao nível de escolaridade dividimos em: informantes até 2ª série; do ensino fundamental; do ensino médio e informantes de nível superior.

Considerando à faixa etária dividimos em: informantes de 10 a 20 anos; 21 a 45 anos e informantes com mais de 45 anos.

Para a coleta de dados, fizemos gravações de entrevistas e/ou narrativas produzidas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para isso, preparamo-nos bem, pois sabemos que é necessário evitar a palavra ‘língua’ a qualquer preço. Nesse sentido, “o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar”.

(TARALLO, 2005, p. 22). É necessário colocar ao informante os objetivos da pesquisa fora do campo da linguagem, para que o comportamento lingüístico do mesmo não seja alterado. Assim, solicitamos aos nossos informantes que contassem histórias, episódios vivenciados, que considerassem interessantes. Em algumas situações, necessitamos direcionar perguntas, porque não se sentiam à vontade para conversar conosco.

Após a conclusão das gravações, transcrevemos as narrativas e/ou entrevistas. Na seqüência, partimos para a análise desse material, observando a manifestação dos metaplasmos “apócope” e “vocalização”, objetos de nosso estudo.

Resultados e Discussão

Conforme Calvet, a *variável lingüística* ocorre (...) quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social. (CALVET, 2003, p. 103).

a) Análise do metaplasmo *vocalização*

Em nossa sociedade é possível encontrarmos duas maneiras de pronunciar a mesma palavra, por exemplo: [‘vEλu] (+ palatal) ou [‘vEiu] (+ vocálico). À última forma de produção denominamos de vocalização, ou despalatalização, metaplasmo em que ocorre a mudança de um fonema consonantal palatal /λ/ para um fonema vocálico /i/.

No que diz respeito à ocorrência da “vocalização” relacionada à variável extralingüística “nível de escolaridade”, com a tabulação dos dados presentes no *corpus* coletado, obtivemos o seguinte quadro:

Níveis de escolaridade	Variante com presença de vocalização	Variante sem vocalização
Até 2ª série	100%	0 %

Ensino Fundamental	63,63 %	36,37%
Ensino Médio	8 %	92 %
Nível Superior	4,34 %	95,66 %

Faixas etárias	Variante com presença de vocalização	Variante sem vocalização
10 – 20 anos	21,05 %	78,95 %
21 – 45 anos	33,33 %	66,67 %
+ 45 anos	48 %	52 %

Diante desses dados, podemos constatar que o grau de escolaridade é um fator determinante na fala do indivíduo, visto que as ocorrências de vocalização estão estreitamente relacionadas à menor escolaridade. O fato de nos níveis médio e superior ter sido constatadas poucas ocorrências permite-nos afirmar que o grau de escolaridade é decisivo na formação da variante lingüística a ser utilizada pelos indivíduos. Em outras palavras, entre as possibilidades de pronunciar [‘vEλu] (+ palatal) ou [‘vEyu] (+ vocálico), a primeira forma foi predominante nas produções lingüísticas dos informantes com maior escolarização.

A faixa etária é outro fator relevante, visto que os informantes com idade acima de 45 anos e com escolaridade de até a segunda série ou Ensino Fundamental produziram um número maior de ocorrências de vocalização.

É interessante registrar que encontramos três variantes da palavra “milho”: [‘míλo]; [‘mio] e [mi]. Nessa perspectiva, Bagno trata sobre a transformação da palavra “telha” desde o latim quando era “tégula” e afirma que deve ter passado por diversas etapas de variação e mudança até chegar a forma atual. O autor lembra-nos de que a forma TELHA não é a única variante, visto que concorre com a [teya]. Segundo ele, “milhões de brasileiros (talvez até a maioria deles!) pronunciam [teya]”. Continuando a sua explanação, Bagno afirma que

Se a variante inovadora [teya] vai vencer a concorrência com a forma mais antiga [teλa], somente a história futura das dinâmicas sociais da comunidade de fala brasileira dirá. Por enquanto, sabemos que a pronúncia do dígrafo LH como uma semivogal /y/, é extremamente estigmatizada e sofre alto grau de

rejeição por parte dos falantes urbanos escolarizados. (BAGNO, 2007, p. 174).

Ilustrando a perspectiva comentada por Bagno, trazemos JOTA (1981) que trata o fenômeno vocalização como *despalatalização* e o define:

s.f. Perda da palatal de um fonema. O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L antes do E ou I: companhia (por companhia), muler |(por mulher). Em **camadas rurais** é comum [véyu] (velho), [muyé] (mulher) etc. Fato, para nós, apenas fonético. (JOTA, 1981, p. 38).(grifos nossos)

No que diz respeito à ocorrência da vocalização, é necessário dizer que, por um lado, os dados analisados contradizem o que foi colocado por Bagno (2007), visto que as ocorrências da variante [y] não acontecem na maioria dos casos, ou seja, os dados atestam menos de 50%. Por outro lado, os mesmos dados contradizem o que Jota (1981) registra sobre se restringir ao falar ruralizado, considerando que encontramos vários casos desse fenômeno no falar urbano.

Por ser um fenômeno considerado como traço descontínuo, ou seja, recebe uma carga de rejeição e preconceito por estar mais presente na língua falada de grupos desfavorecidos economicamente há uma tendência à diminuição. Nesse sentido, Bisinoto (2007, p. 70) afirma que “o futuro dessas formas lingüísticas parece determinado – é unânime a opinião dos estudiosos de que o estigma social aplicado aos estereótipos da língua provoca mudanças rápidas até o seu desaparecimento, pois que os torna cada vez mais estranhos ao uso real”.

É interessante registrar que, embora os dados nos remetam a poucas ocorrências de vocalização no cotidiano, observamos a presença de gírias como “véio”, “paia” e “muiezada” nas produções lingüísticas de falantes mais jovens, independente da classe social. Essas gírias constituídas pelo metaplasmo “vocalização” são variantes populares de “velho”, “palha”, mulherada, respectivamente, consideradas variantes de prestígio. Como gírias, não são intercambiáveis, ou seja, não podemos trocar pela outra variante, visto que não produzirão os efeitos de sentidos desejados.

b) Análise do metaplasmo *apócope*

Em relação à “apócope”, trazemos os dados no quadro abaixo:

Níveis de escolaridade	Variante com presença de apócope	Variante sem apócope
Até 2ª série	64,74 %	35,26 %
Ensino Fundamental	68,61 %	31,39%
Ensino Médio	54,87 %	45,13%
Nível Superior	51,04 %	48,96%

Faixas etárias	Variante com presença de apócope	Variante sem apócope
10 – 20 anos	56,15 %	43,85 %
21 – 45 anos	57,97 %	42,03 %
+ 45 anos	56,43 %	43,57 %

Podemos observar que ocorrem diferentes tipos de apócope no falar urbano monte-belense, sejam eles, a supressão do –r no final do verbo no infinitivo, na concordância de número no sintagma nominal e na supressão do ditongo /ou/.

É possível dizer que a variável “apócope” está se incorporando ao falar monte-belense, pois levando-se em conta o grau de escolaridade e a faixa etária, nos foi possível constatar que esse fenômeno ocorre em todos os níveis, em maior quantidade do que a variante sem apócope. Nesse sentido, trazemos Bagno que afirma sobre isso:

O apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais palavras, é mais freqüente em determinadas variedades regionais (como as nordestinas). Daí a impropriedade de usar grafias como CANTÁ, VENDÊ, SAÍ, como representativas da ‘fala popular’, já que elas também caracterizam os falantes urbanos escolarizados. (BAGNO, 2007, p. 148) (grifos do autor).

Analisando os fatos lingüísticos produzidos por informantes com nível de escolaridade superior, observamos que são os que menos produzem apócope, independentemente da faixa etária. Isso confirma o que Beline já havia constatado: “o

uso da variante –r em verbos no infinitivo estaria numa relação diretamente proporcional à escolaridade do falante: quanto maior o nível de escolaridade, maior a frequência de uso da variante”. (BELINE, 2002, p.123).

Em relação à frequência com que aparece a apócope, Reis & Dias argumentam que esse fenômeno atinge tanto a aquisição do português como língua materna quanto a aquisição do português como segunda língua:

[...] os índios, ao iniciarem seu processo aquisitivo de segunda língua, já aprendem o vocábulo sem o fonema /r/ final, reafirmando sua hipótese de que os falantes copiam os modelos a que são expostos, já que nos falantes nativos do português a pronúncia do /r/ é inexpressiva, se não ausente. (2006, p. 8).

Segundo Tarallo, no português falado do Brasil, “a marcação de plural no sintagma nominal, encontra-se em estado de variação”. (TARALLO, 2005, p.8). Diante dos dados coletados, podemos afirmar que a marcação do sintagma nominal, ou seja, essa variação, de fato ocorre em todos os níveis. Fatores sociais, econômicos e etários não são relevantes para que esse fenômeno ocorra. No entanto, essa ocorrência ainda é vista como estigmatizada. “As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão”. (TARALLO, 2005, p. 12).

Podemos dizer “andar”: [ã'dar], pronunciando o –r, ou então “andá”: [ã'da], suprimindo-o. Desse modo, as variantes seriam respectivamente “presença do –r final” e “ausência do –r final”. Em outros termos, temos dois morfemas – as variantes – para expressar a noção gramatical de “infinitivo”: o morfema {-r} e o morfema {ø}, decorrente do apagamento do {-r}. Esse é um exemplo, portanto, de variável morfológica.

Luchesi, ao fazer uma comparação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), trata sobre a tendência existente no PB de constituir sílaba CV (consoante + vogal), levantando a hipótese de que a apócope na supressão do /r/ no infinitivo verbal seja em função dessa tendência. Por exemplo, “cantar > cantá”, transformando a sílaba CVC [tar] em CV [ta] (LUCHESE, 2004, p.149).

Em relação às ocorrências de apócope, importa dizer que as tendências fonéticas naturais da língua “pautam-se na lei do menor esforço, isto é, no favorecimento da simplificação articulatória”. (SIMÕES, 2006, p. 72).

No *corpus* constituído para a análise, a variante apócope se faz presente em enunciados produzidos por informantes de todos os níveis de escolaridades e de todas as idades consideradas na pesquisa.

Fundamentando essa afirmação, trazemos Reis & Dias: “o apagamento está sendo mais freqüente nos informantes jovens, confirmando, portanto, a hipótese de que há o processo de mudança em progresso” (DIAS & REIS; 2006, p.9). Assim, podemos observar como essa ocorrência está caminhando para sua consolidação na língua.

Outros pontos sobre os metaplasmos em foco

Importa dizer que em relação aos fenômenos fonéticos “apócope” e “vocalização”, o primeiro é um traço considerado *gradual* que, de acordo com Bagno representa uma forma de “uso da língua que encontramos na fala de todo e qualquer brasileiro, desde os mais pobres e analfabetos até os mais ricos e altamente escolarizados”. (BAGNO, 2007, p. 211-213).

Em relação à vocalização, é considerada como um traço *descontínuo*, ou seja, é um fenômeno que sofre maior carga de discriminação e preconceito, pois se restringe à língua falada por pessoas que estão na “base da pirâmide das classes sociais”. Os traços considerados descontínuos são “formas de falar a língua que não avançam até o topo da pirâmide e, justamente por isso, recebem a maior carga de rejeição e preconceito da parte dos falantes que não utilizam essas regras”. (BAGNO, 2007, p. 211).

Em outras palavras, as pessoas que produzem, por exemplo, (cantá, vendê - apócope: supressão do /t/ no infinitivo) não são discriminadas socialmente como as que dizem “trabaia”, “atrapaia” (vocalização da consoante palatal /ʎ/). Como dissemos, registramos que a apócope está sendo implementada não só na comunidade lingüística monte-belense, lócus de nossa pesquisa, mas no país como um todo. Conforme BORTONI-RICARDO:

[...]em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (correr > corrê; almoçar > almoçá; desenvolver > desenvolve; sorrir > sorri). (BORTONI-RICARDO, p. 85).

Ainda em relação ao fenômeno apócope marcado pela supressão do /r/ final nas formas verbais do infinitivo, Callou & Leite afirmam que serve para ilustrar o fato de os fenômenos sociais estarem “intrinsecamente ligados a fenômenos lingüísticos”. Continuando, argumentam que essa é uma mudança “de baixo para cima”, visto que era usado nas “peças teatrais de Gil Vicente para caracterizar a fala de negros, tem hoje uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade”. (CALLOU&LEITE, 2004, p. 37).

É necessário lembrar de que os dois fenômenos estudados podem ser relacionados com a variação *diafásica* que é a variação estilística constituída no “uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de **monitoramento** que ele confere ao seu comportamento verbal”. (BAGNO, 2007, p. 47). (grifo do autor).

Nesse sentido, observamos que os informantes que se preocuparam em monitorar sua produção oral não apresentaram no início das entrevistas a vocalização. No entanto, esses mesmos informantes produziram enunciados com as variantes vocalizadas, conforme ilustramos a seguir:

Cruiz... não *trabalho* não, mas tarefa... aí já tá ... pra ela é a *maravilha* dela passá é tarefa de casa.
[...]os minino *vacai* deze fica falunu uhuhuh bem feito não sei o quê... aí ele o menino falô assim: seis parece um bandu di burro *vacaianu*. (S., ensino fundamental, 12 anos).

Na seqüência, trazemos outros enunciados em que notamos a heterogeneidade no modo de falar. Esses enunciados foram produzidos por informantes de faixas etárias e níveis de escolaridade diferentes, ou seja, verificamos que um mesmo falante produz mais de uma variante: com vocalização [y] e sem vocalização [λ]:

Aí já tava velhinha já foi pro meu criadô do outro lado. [...] Apareceu a patrola, a patrola e aí ficou olhando.
Se for pra lá eu pago por dia lá trabaia, de noite ocê estuda. Trabaiava muito. [...] O bagaço da cana quando o sol esquentava ficava assim de abeia “oropa”, marimbondo. Quando o sol ia esquentando, as abeia ficava no bagaço. O véiu fala “o senhor”. (J.A.A, 94 anos, sem escolarização)

O papai traiz o milho da fazenda e a gente tira a casca do milho a palha do milho aí corta o milho e minha mãe vai lá e rala o milho, rala o milho, rala o milho sei mais não, dá muito trabalho. (risos) [...] Mãe, sabe aquela muié da televisão? Ela fala assim dabro, dabro, dabro ponto you turbe ponto com ponto br. (B.R.F., ensino fundamental, 11 anos).

[...] a gente ia buská o milho né? A gente era bem meninu nessa época... eh... a gente buscava o milho na roça... ficava todo cheio de piniquera do milho... depois vinha descascava... cortava né com aqueles como é que fala... facão... cortava eh juntada milhões de meninos né ... que mininu naquela época gostava de trabalhar [...] ela vamos levá mi pra fazê pamonha eu falei assim pelamor de Deus num faiz isso não tenha dó cê tá em que século? (J.M., ensino médio, 29 anos).

As folhas, o cd, tem qui compra a tinta também, né, fia? [...] É mais depois...(risos) cê falô “né fia” (risos). [...] Fia, vai lá no iscritório da mamãe e pega aquela bolsinha preta com vermelho pra pregá os papelzinho aqui... oh...tá dentro daquela bolsona minha de i pra faculdadi... (J.S.S R. F., superior completo, 34 anos).

Observando as ocorrências acima transcritas, retomamos a afirmação laboviana de que “não existe falante de estilo único” (BORTONI-RICARDO, 2006, p 51). Nesse sentido, Camacho argumenta que “um mesmo indivíduo pode alternar entre diferentes formas lingüísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc”. Baseados nos dados é possível ampliar essa discussão, visto que percebemos que um mesmo falante faz uso de mais de uma variante em uma mesma situação de fala. No caso, em uma mesma entrevista, observamos os informantes alternarem entre uma variante e outra: com vocalização [y] e sem vocalização [λ].

Considerações finais

Com o presente estudo, tivemos por objetivo observar e descrever a ocorrência dos metaplasmos *apócope* e *vocalização*. Com a análise dos dados coletados, é possível fazer algumas afirmações.

1) Em relação à **apócope**:

- É um fenômeno considerado como traço gradual, visto que está presente na fala de todos os falantes;
- os informantes com nível de escolaridade média e superior são os que menos produzem apócope, independentemente da faixa etária;
- é um fenômeno fonético bastante comum no falar monte-belense, ou seja, há uma tendência geral à produção desse fenômeno, principalmente em relação ao apagamento do /r/ nos infinitivos verbais;
- ocorre em todos os níveis de escolaridade e em todas as idades em mais de 50%, permitindo-nos afirmar que esta variante está se implementando no falar monte-belense .

2) Em relação à **vocalização**:

- as ocorrências não alcançam 50%, independente da faixa etária ou do nível de escolaridade;
- o grau de escolaridade é determinante, pois houve pouca ocorrência desse metaplasmo nas produções de pessoas com níveis de escolaridade médio e superior;
- a variável extralingüística “faixa etária” é relevante, visto que o maior número de ocorrências encontram-se nas produções dos informantes com idade acima de 45 anos;
- por ser um fenômeno considerado como traço descontínuo há uma tendência à diminuição.

Por meio da descrição e da análise dos metaplasmos que temos como objeto de estudo, estamos resistindo à concepção equivocada de que deva existir uma homogeneidade em termos de língua portuguesa, visto que “toda língua é variada, multifacetada, heterogênea, não monolítica nem uniforme” (DIONÍSIO, 2005, p. 74).

Nessa perspectiva, buscamos contribuir para que mais pessoas em nossa sociedade reflitam sobre as variações existentes na linguagem, a fim de que possam compreender melhor que a linguagem é uma forma de comunicação própria de cada indivíduo, de cada cultura, de cada momento e não pertencente a um só tipo de “grupo ideal”.

Consideramos que este estudo seja uma contribuição às reflexões sobre as manifestações lingüísticas de nossa comunidade que se fazem necessárias, pois como afirma Beline:

No que diz respeito ao funcionamento das línguas, bem como no que concerne às relações entre uso de variantes e fatores sociais, **ainda existem muitas perguntas a serem respondidas**. E também perguntas cujas respostas precisam ser revistas, de modo que a teoria lingüística seja cada vez mais refinada e o conhecimento da linguagem humana cada vez mais preciso. (BELINE, 2002, p. 138). (grifos nossos).

Para finalizar, trazemos uma reflexão que trata do papel do lingüista, com o qual nos identificamos:

O papel do lingüista é descrever a língua em suas múltiplas manifestações e oferecer hipóteses e teorias consistentes para explicar os fenômenos lingüísticos, de modo que os educadores possam se servir dessas descrições e explicações para empreender uma prática pedagógica que leve em conta a pluralidade de realizações empíricas da língua. (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M.; GAGNE, G.; STUBBS, M. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BELINE, R. A variação Lingüística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à lingüística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

BISINOTO, L.S.J. **Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e a Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CALVET, L-. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

DIONISIO, Â. P. Variedades lingüísticas: avanços e entraves. In: DIONISIO, Â. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

JOTA, F. dos S.. **Dicionário de Lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
LUCHESE, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Fora de órbita. In: **Discutindo Língua Portuguesa**. São Paulo: Escala Educacional. Ano 1; nº 4, 2006.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, vol. 1. São Paulo: Cortez, 2003.

PRETI, D. **Sociolingüística: os níveis da fala**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2000.

REIS, M.; DIAS, A.B.B. A vibrante final de infinitivo na fala de crianças em fase final de aquisição da linguagem: o efeito cumulativo de natureza fonomorfosintática sobre o fonema /r/. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Ano 4, n. 7, agosto de 2006. [<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>]

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2003.